

Primeiros lançamentos

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

O ano começou agora, às vésperas do Carnaval, para o mercado editorial infantojuvenil. O blog recebeu alguns lançamentos de 2015 e ainda vários livros editados no final de 2014. A leitura da maior parte deles não causou grande impacto e espero que isso não seja um indicativo para o ano. Entre nacionais e estrangeiros, eles confirmam que a literatura nesse segmento ainda vive muito do reconto, das adaptações e da ficcionalização de feitos históricos. A princípio nada contra os três modos de configurar o narrar, todos são válidos e muito livro de boa qualidade já surgiu a partir da releitura de narrativas fictícias ou reais. A questão diz respeito ao fato de que a literatura se torna mais poderosa quando surgem narrativas com algum grau de novidade, aquelas que constroem inventos e, de alguma maneira, surpreendem o leitor. Na trama, na forma ou na maneira como o texto visual se articula com o verbal, a literatura para crianças e adolescentes exige descobertas e investigações talvez em maior intensidade da direcionada para adultos. Como gosto de novidades, falei primeiro de Cabeça de José (Nave), de Patrícia Galelli. Único dos livros avaliados em que identifiquei uma voz personalíssima, ele pode ser adotado para o universo juvenil, embora em sua ficha catalográfica esteja cadastrado apenas na categoria “Conto”. Ilustrado por Yannet Briggiler, o livro fala de uma cidade chamada Paradoxo, onde vive José, personagem que leva o leitor a viagens por sendas incomuns. Se “na cabeça de José correm dois rios sem sentido”, de muitos sentidos se faz a prosa poética de Galelli. E também de não-sentidos nessa escrita que brinca com absurdos da linguagem, dos corpos e também das cidades. O inusitado José confunde helicóptero com satélite e é capaz de construir uma mini-hidrelétrica para dar luz aos pensamentos. As ações e o discurso dele o aproximam de reflexões existenciais de muitos “Josés” em plena adolescência, como na frase: “o tédio é uma morte que não desce do céu./: o tédio é a morte pendurada”. As ilustrações em azul e branco sobre fundo preto, em papel com brilho, acompanham o delírio do texto verbal. Com diagramação também fora dos padrões – muitos parágrafos começam com dois pontos e em todo o texto somente nomes próprios aparecem em maiúsculas –, o livro confronta o leitor com seus paradoxos, lança-o ao desafio de alimentar alucinações. Apresenta, assim, a adultos ou adolescentes, as muitas cabeças de que somos feitos. Como não está claro para que leitor ideal se destina o livro, considero que o prefácio, escrito por Luiz Bras, nova assinatura do escritor Nelson Oliveira, está endereçado a adultos, sendo pouco pertinente para o público juvenil. Feminina – Quando criança li muitas vezes as aventuras de Mogli, o garoto que cresce na selva, criado pelos lobos, de autoria de Rudyard Kipling – adorava a personagem da Baguera, a pantera. Agora fui surpreendida por Selvagem (Pequena Zahar), de Emily Hughes, a divertida versão feminina da narrativa. Na tradução feita por Maria Luiza X. A. Borges, a menina era feliz vivendo na selva com os outros animais até que encontrou uma estranha família. Mais do que o texto, o diferencial do livro está nas imagens. Também assinadas por Hughes, que nasceu no Havá e estudou na Inglaterra, as ilustrações são essenciais para a compreensão da narrativa. Em nenhum momento está dito que a família que adota a garota era de humanos, a informação está no desenho. Também é por meio de uma manchete de jornal que o leitor descobre que o pai adotivo é famoso psiquiatra, que, pelos traços e o cademinho de anotação, transforma a menina em objeto de estudo. Para a garota, a nova família fazia tudo errado. Até que ela fica primeiro infeliz, depois se revolta, se rebela, explode em fúria e parte de volta ao mundo dos indomáveis. Primeiro livro de Hughes, Selvagem apresenta uma protagonista que só se sente em casa em meio à natureza. Ela tem os cabelos desgrenhados, os olhos gigantesco (confira na imagem que abre o artigo), e considera o cotidiano dos humanos a pior coisa do mundo. Os irracionais somos nós, que não sabemos brincar e, pelo visto nas ilustrações, estamos sempre gritando e reclamando, como verdadeiros selvagens. A releitura ganha diferencial também ao apresentar a fúria da menina como algo legítimo, e quase inusitado para tempos tão enquadrados. Só estranhei a edição ter mantido o título Selvagem, quando se conhece outro livro para crianças no Brasil, com o mesmo título, de autoria do premiado Roger Mello (Global). Amizade – O para sempre de Pedrina e Tunico (Galera), de Claudio Fragata e ilustrações de Cárcamo, não deixa de ser uma releitura ficcional do difícil passado escravagista nacional. Conta a história de uma senhora negra, que vai trabalhar na casa do menino-protagonista-narrador da história, branco. Ela termina levando seu neto Tunico para viver ali por uns tempos. As diferenças sociais, raciais e culturais entre os dois garotos não impede o surgimento de forte amizade. Quanto a Pedrina, ela evoca Tia Nastácia, de Monteiro Lobato, sendo cozinheira e analfabeta. Aliás, o escritor é mencionado na narrativa, pois a leitura de seus livros faz Tunico sonhar com sacis. Fragata construiu com delicadeza texto sobre o poder da memória, a afetiva, a histórica e a literária, mas o desenrolar da narrativa não surpreende o leitor, pois os personagens são lineares, não passam por transformações e tampouco vivem grandes aventuras. As ilustrações apresentam o contumaz preciosismo de Cárcamo, que dota os meninos de humor ao arregalar seus olhos e afinar as pernas em demasia. E são suas imagens que oferecem ao leitor marcas temporais da narrativa. Elas permitem intuir a época que se passa a história, devido às roupas usadas pela mãe do garoto-narrador, típicas de uma bem-comportada senhora da modernidade. Pedrina, por sua vez, utiliza sempre um vestido-avental longo que relembra a roupa tradicional das baianas e torna seu tempo histórico indefinido. Indicado para crianças bem pequenas, O livro bonito (Rocco Pequenos Leitores), de Caulos, não se baseia em qualquer outra narrativa, mas recorda em determinados momentos personagens de alguns clássicos, como Alice e o gato risonho, e apresenta ao final letra de música do cancionário popular: “Se essa rua fosse minha”. Não é um livro-imagem, nem um livro com narrativa propriamente dita. São páginas com pequenas frases e coloridos desenhos que traduzem o que o verbal enunciou. Se no alto da página aparece a palavra elegância, abaixo surge um senhor bem-vestido, com chapéu, em gesto de gentileza. A obra tem o mérito de apresentar a multiplicidade da vida aos seus pequenos leitores. Mas não traz novidades, nem no verbal, nem no visual, embora tenha recebido tratamento editorial de excelente qualidade. Recursos – O título é autoexplicativo: Entre raios e caranguejos – a fuga da família real para o Brasil contada pelo pequeno dom Pedro (Alfaguara), de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta, com ilustrações de Edu Oliveira, tem como diferencial o uso de uma voz infantil para narrar um dos momentos cruciais da história do Brasil. O texto dá início à série Historinhas do Brasil, que pretende usar a mesma estratégia narrativa em diferentes episódios da vida do País. De caráter informativo, o livro tem pequeno formato, ilustrações em grafite e branco, e usa o humor, marca dos dois autores, como recurso para conquistar os jovens leitores. A estrutura da trama está bem desenvolvida, o pequeno Pedro tem dom de narrador, os desenhos são divertidos, mas confesso que adoraria ver um novo livro da dupla de autores – que no ano passado lançou João e Marias, pela mesma editora, com ilustrações de Laurent Cardon –, que não fosse ancorada no passado, o histórico ou o literário. Como muitos leitores, estou ansiosa para ler narrativas que se distanciam do existente, que pode até aparecer de forma discreta como referência, e nos façam sonhar com entes literários diferentes.